

PERCEPÇÕES DE IMAGENS DA VULNERABILIDADE DA MULHER POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Perceptions of images of women's vulnerability by high school students

Wendy Stefani Cristine da Silva – UFSCar/So*

Dayane Cristina Russi – UFSCar/So**

Hylio Laganá Fernandes – UFSCar/So***

Resumo: O termo vulnerabilidade compreende as características, condições de vida e possibilidades de uma pessoa ou grupo, que refletem sobre o acesso às redes de serviço do Estado (educação, saúde, cultura/lazer, formação profissional). Desde crianças, meninos e meninas são conduzidos a uma construção desigual quanto aos papéis de gênero, aprendidas culturalmente. Esta pesquisa quantitativa e qualitativa foi realizada em uma escola estadual da cidade de Sorocaba/SP, com alunos do ensino médio (15-18 anos) com o objetivo de conhecer as percepções de meninas e meninos a partir de imagens relacionadas à vulnerabilidade da mulher no contexto da cultura hegemônica marcada pelo machismo. Os resultados apontam a alienação desses alunos com relação a vulnerabilidade da mulher, e também a vulnerabilidade em que indivíduos de classes menos abastadas estão sujeitos; esse comportamento, inclusive, não está restrito aos homens, mas também às mulheres que endossam pressupostos machistas, daí a importância de se discutir essa temática com os adolescentes.

Palavras-chave: Machismo. Adolescentes. Vulnerabilidade.

Abstract: The term vulnerability includes the characteristics, living conditions and possibilities of a person or group, which reflect on access to the state service networks (education, health, culture / leisure, vocational training). Since children, boys and girls are led to an unequal construction of gender roles, learned culturally. This quantitative and qualitative research was carried out at a state school in the city of Sorocaba/SP, Brazil, with high school students (15-18 years old) with the objective of knowing the perceptions of girls and boys from images related to the vulnerability of women in the context of culture hegemony marked by male chauvinism. The results point out the students' alienation in relation to women's vulnerability, as well as the vulnerability in which individuals from the less affluent classes are subject; this behavior is not restricted to men, but also to women who endorse male chauvinism presuppositions, hence the importance of discussing this issue with teenagers.

Keywords: Male Chauvinism. Teenagers. Vulnerability.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu na disciplina de Estágio supervisionado em Biologia I, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – Campus Sorocaba. A autoras realizaram os dois semestres do estágio em uma Escola Estadual de Sorocaba acompanhando as aulas da professora Sandra, que ministra a disciplina de biologia para o ensino médio. A ideia de trabalhar com o tema vulnerabilidade partiu da professora Sandra para compor um projeto de sua disciplina, dando liberdade às alunas de estágio em trabalhar este tema com os alunos do primeiro ano

*Graduanda em Ciências Biológicas, Licenciatura, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba. E-mail: wendy.stefanic@gmail.com.

**Graduanda em Ciências Biológicas, Licenciatura, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba. E-mail: daya_dcr@hotmail.com.

***Doutor em educação, professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba, Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE). E-mail: hyliolafer@gmail.com.

do ensino médio. O termo vulnerabilidade difundiu-se na década de 80, originário do movimento dos Direitos Humanos, no campo da saúde pública ao tratar da questão da epidemia da AIDS. (CORRÊA 2010, p. 23). De acordo com Adorno (2001, apud CORRÊA, 2010, p. 24), o termo vulnerabilidade carrega a ideia de compreender todas as características, condições de vida e possibilidades de uma pessoa ou grupo bem como reflete sobre as redes de serviço do Estado disponíveis como escolas, serviços de saúde, cultura lazer, e formação profissional e avaliar em que medida as pessoas têm acesso a tudo isso. Dessa forma pode-se entender que o termo vulnerabilidade apresenta uma pluralidade de sentidos, como coloca Sant'Anna (2005, p. 121) que apresenta o conceito em três componentes interligados: o individual, relacionado às práticas individuais e comportamentais da pessoa; o social, relacionado à estrutura da sociedade; e o institucional, relacionado à instituições públicas e à capacidade de suporte à esses indivíduos. Através dessas definições entende-se que a vulnerabilidade do indivíduo pode ser expressa em diversos âmbitos, a partir de características pessoais, bem como pela estrutura da sociedade em que se encontra e os serviços que esta oferece.

Dentro dessas definições é possível refletir sobre a vulnerabilidade feminina em nossa sociedade, muito ligada à ideologia patriarcal machista que limita, molda, e condiciona o mundo das mulheres, como por exemplo os comportamentos, a limitação da utilização de espaços e papéis sociais, controle das vestimentas, repressão sexual, diferentes educações entre meninas e meninos e diferentes oportunidades profissionais. (BONFIM, 2016, p. 27). Analisando a história de nossa cultura percebe-se que ao homem foi dada a liberdade, o controle de si e de seu corpo, o direito ao trabalho e à educação, enquanto que as mulheres ficaram incumbidas das tarefas domésticas, dedicação à família e ao matrimônio e principalmente ao dever de serem submissas. (BONFIM, 2016, p. 27). Em relação à cultura do machismo, adotaremos o conceito de cultura definido por Edward Burnett Tylor (1871 apud LARAIA, 2001, p. 25): "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Note-se que nessa definição Tylor utiliza o termo "homem" (men) como genérico para "humano", o que já denota o aspecto machista que permeia inclusive a língua. A respeito do machismo, Drumont (1980 apud BOMFIM, 2016, p. 29) faz a seguinte colocação:

[...] constitui portanto, um sistema de *representações-dominação* que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os as sexos hierarquizados, divididos em polos dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos.

Refletindo sobre esta posição de desigualdade ainda muito observada na sociedade atual, permeada por um ideal de dominação masculina -portanto machista- que se torna tão importante falar sobre a situação de vulnerabilidade das mulheres. A partir dessas colocações entende-se o caráter cultura do machismo e suas concepções aprendidas no processo de enculturação e a profundidade da violência de gênero (CASIQUE, 2006, p. 2) no qual não só os homens, mas as mulheres também, são responsáveis por essa propagação, uma vez que podem reforçar valores do machismo através de comportamentos e ao aceitar determinadas atitudes masculinas. (IDOETA, 2013, p. 1). Nosso contexto de trabalho na escola teve os alunos de ensino médio como colaboradores, todos na faixa etária (15-18 anos) conhecida como adolescência.

A adolescência é definida como uma fase difícil, um período da vida em que se manifesta a interação entre os aspectos individuais, sociais, desenvolvimento cognitivo e os valores construídos ao longo da vida, além de ser um período potencial para o desenvolvimento de novas habilidades, oportunidades, busca de si mesmo e de sua própria identidade. (BOCK, 2007, P. 64). É um período, portanto, em que os sujeitos estão construindo seus valores e formando suas opiniões, que são extremamente influenciadas pelos aspectos familiares e culturais. (CORTES, J. et al, 2015, p. 2). Assim sendo, é nesta fase singular que buscamos, com essa investigação, conhecer como é entendida a vulnerabilidade feminina e como se manifesta a cultura do machismo tanto por adolescentes do sexo feminino, quanto por adolescentes do sexo masculino, buscando também analisar se existem diferenças de concepção entre esses dois grupos de jovens.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter participativo que conjuga elementos quantitativos e qualitativos, desenvolvida em uma Escola Estadual, não muito distante do centro, na cidade de Sorocaba. A pesquisa foi realizada com os alunos dos primeiros anos do ensino médio, totalizando 78 alunos com

faixa etária de 15-18 anos. O tema vulnerabilidade na adolescência foi proposto pela professora de biologia das turmas e o projeto realizado com auxílio das autoras desse trabalho, que nesse momento estavam realizando atividades de estágio supervisionado. As estagiárias propuseram focar na vulnerabilidade da mulher, considerando o contexto cultural machista em que vivemos.

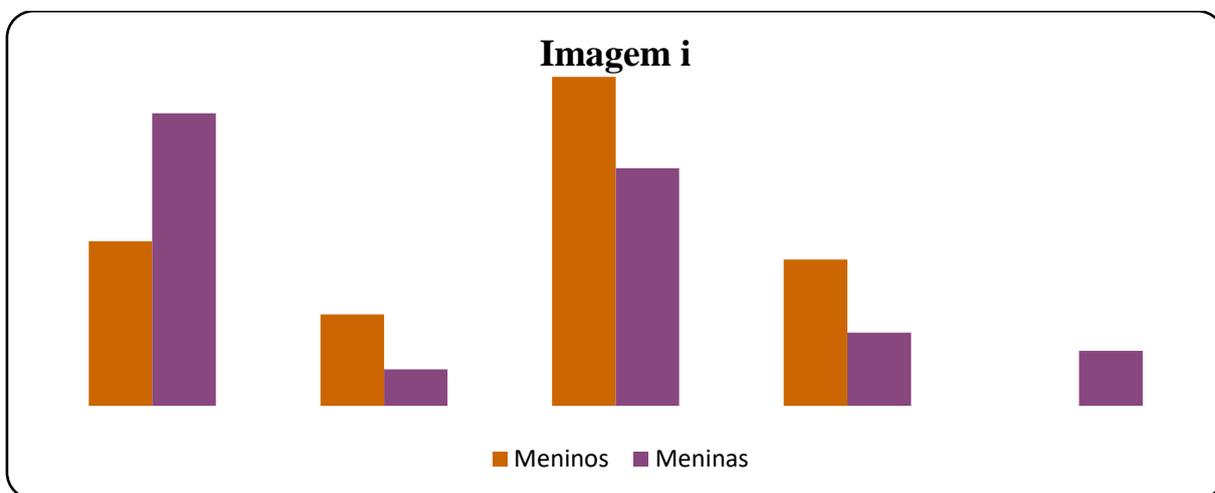
Como estratégia metodológica foram projetadas 8 imagens em slides, cujas interpretações poderiam remeter a vulnerabilidade feminina/machismo. Os slides foram apresentados e os alunos tiveram o tempo necessário para anotar em uma folha três palavras que primeiro viessem a mente ao observar cada imagem. Foi realizada uma estatística descritiva, por meio de representação tabular, para a caracterização das respostas dos participantes. Em seguida foram feitas porcentagens para verificar possíveis diferenças entre as respostas dos alunos em cada sexo. As respostas foram organizadas em três ou mais categorias de acordo com cada imagem e resultados. Não houve diferenças entre os grupos em relação à idade, ao nível de escolaridade, à idade que receberam orientação sobre as questões sobre vulnerabilidade, machismo e feminismo ou às fontes gerais de informações (conversa com pais, amigos, centros religiosos e busca de informações pela internet).

A devolutiva aos alunos foi realizada com a apresentação dos resultados para cada turma seguida de uma discussão mediada pelas estagiárias e pela professora com citação de alguns dados, vídeos e relatos sobre o assunto, buscando que os alunos colocassem suas opiniões e posicionamento a respeito de cada situação apresentada. Esta intervenção foi finalizada com um questionário aos alunos buscando obter o que eles acharam do projeto e das intervenções e se as mesmas mudaram algo no ponto de vista deles sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira imagem exibida aos alunos representava um relacionamento abusivo. Nela estão representadas duas pessoas: uma garota, que está com o semblante tristonho e com uma corrente envolvendo o pescoço, e um garoto que permanece ao lado da garota sorrindo e segurando a corrente junto à ele; uma imagem que tem a conotação de que as mulheres são consideradas objetos de posse dos homens, controláveis como cães.

Gráfico 1 – Porcentagem e número de palavras encontradas na IMAGEM I, de acordo com as respostas emitidas pelos alunos, com distinção nos sexos (Masculino e Feminino/ Meninos e Meninas).



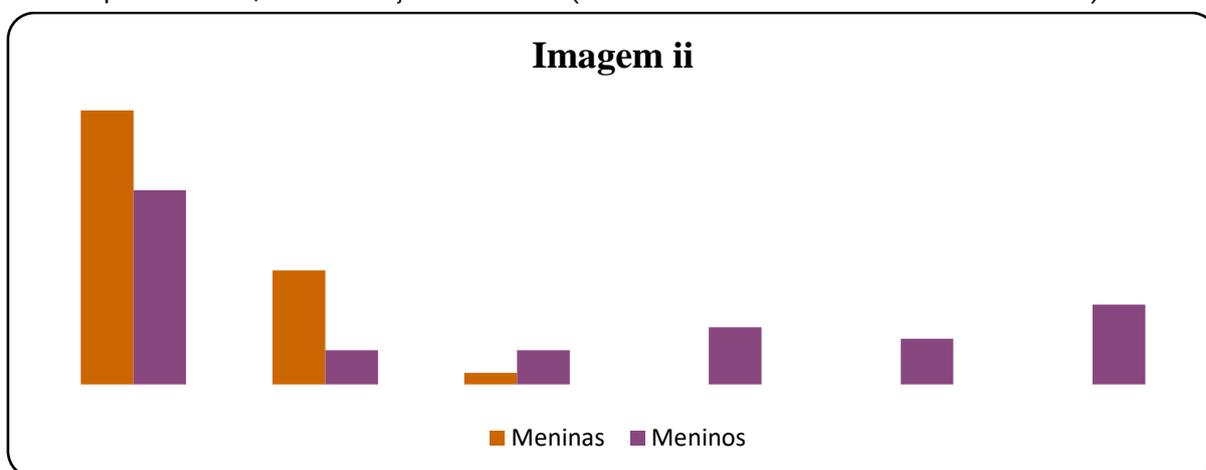
Fonte: Elaboração dos autores.

Neste gráfico é apresentado o panorama das respostas dos alunos, exibindo a porcentagem em que cada palavra foi mencionada. Os dados salientam que, embora "*machismo*" e "*violência*" sejam mais citados por todos, há ligeira diferença nas respostas entre os adolescentes do sexo feminino e masculino, permitindo uma análise da diferenciação existente entre os pensamentos. A porcentagem citada para a palavra '*machismo*' foi de 42% no sexo feminino e 23% no sexo masculino; e '*violência*' 47% no sexo masculino e 34% no sexo feminino. Essa distinção pode revelar concepções que cada indivíduo têm de acordo com a sua inserção social, contexto e estrutura familiar, ou seja, condição ao qual eles foram alicerçados e são efetivados.

Quando a palavra “*machismo*” é mencionada pelas meninas, transparece a percepção de que a imagem descreve uma situação que ocorre como consequência do machismo; enquanto os meninos compreendem essa mesma imagem associando mais frequentemente a “*violência*”. De acordo com Drumont (1980, p. 82), o machismo é colocado como um sistema de dominação sobre o outro e, enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identificação tanto para o elemento masculino quanto para o feminino. (OLIVEIRA e MAIO, 2016, p. 5). Este sistema de dominação é reconhecido pelo senso comum como a cultura de superioridade exercida pelo homem, no qual a mulher é subjugada como inferior. Tal poder é entendido como uma força situada no controle, sugerindo um dominador e um dominado, fixados nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas e sexuais. (SILVA, 2012, p. 6). É através desse modelo normalizante, no qual o homem é colocado como superior à mulher, que ambos são construídos, sendo este supostamente aceito por todos e mediado, principalmente, pela liderança masculina. (DRUMOND, 1980, p. 83).

No conceito da estrutura e construção social torna-se compreensível quando os meninos não reconhecem a situação representativa da imagem como sendo preponderantemente machista, embora reconheçam que há violência representada. A concepção que os meninos apontam sobre “*violência*” não permite distinguir exatamente o tipo de violência, mas parece claro que tinham uma percepção desta numa relação de gênero. Segundo Santos e Oliveira (2010, p. 12), o modo de pensar e agir de um indivíduo é determinado na dinâmica entre o social e individual: esses meninos podem estar em um processo de reprodução em que, embora eles associem a imagem com “*violência*”, não tem a plena concepção da influência social, dominação, vulnerabilidade da mulher e o poder imposto pela sociedade aos gêneros. De acordo com Taquette e Vilhena (2006, p. 2), existe uma naturalização na violência do gênero tão profunda, que homens podem não perceber que seus atos estão vinculados a violência, enquanto que as mulheres podem não perceber que estão sendo violentadas. Casique e Furegato (2006, p. 2), caracterizam a violência como algo extremamente complexo. Refletir essa complexidade estimula uma oportunidade para compreender e estimular valores, implicando mudança na forma de pensar e transformação no conhecimento e nas práticas educativas. Na segunda imagem é visualizada em primeiro plano uma mulher que caminha pela rua, olhando para o chão com a mão próxima a face, aparentando estar constrangida, enquanto que alguns homens que estão num segundo plano, encarando-a sem nenhum tipo de pudor.

Gráfico 2 – Porcentagem e número de palavras encontradas na IMAGEM II, de acordo com as respostas obtidas pelos alunos, com distinção nos sexos (Masculino e Feminino/ Meninos e Meninas).



Fonte: Elaboração dos autores.

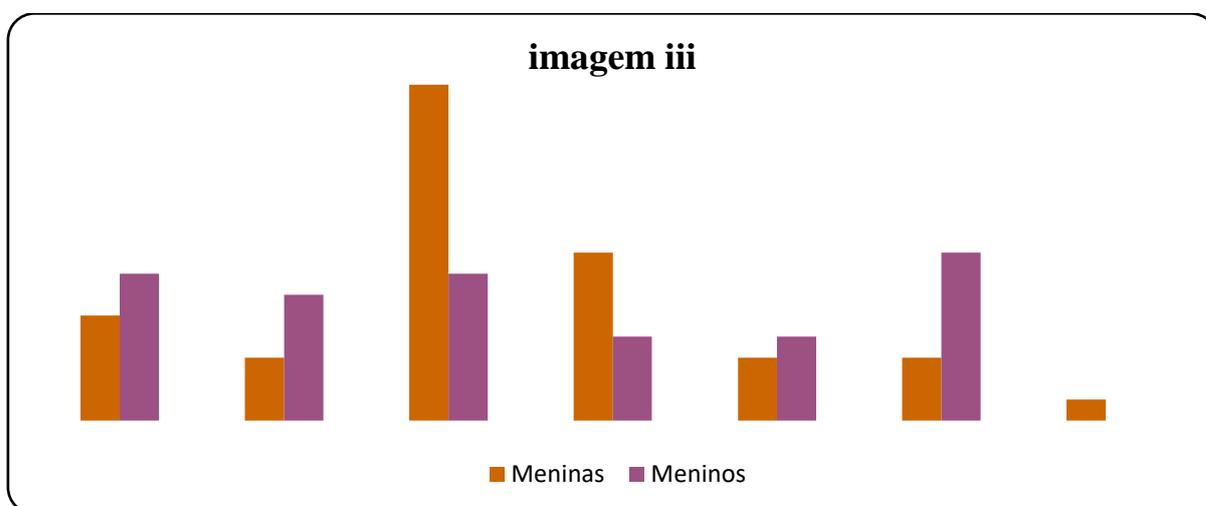
O Gráfico apresenta a diversidade existente nas palavras, sendo as mais citadas “*Assédio*” (com 63% nas respostas do sexo feminino e 45% no sexo masculino) e “*Constrangimento*” (26% no sexo feminino e 8% no sexo masculino). Apenas meninos citaram a palavra “*Atraente*” (18%). Essa dados manifestam que algo considerado natural para os meninos (mexer com uma mulher atraente) pode ser humilhante e agressivo (assédio) para as meninas. Quando a imagem é visualizada por meninas, elas se colocam no lugar, no caso, da garota que está sendo assediada. Os meninos não entendem necessariamente como assédio, como pode ser entendido mais claramente ao analisar as palavras que agrupamos no gráfico como “*outros*”, que incluem: *dor de cabeça*, *bicicleta*, *respeito pela mulher* e *Uau*. A objetificação faz com a mulher esteja mais vulnerável a essas situações principalmente em âmbitos públicos,

fazendo com que elas estejam mais suscetíveis ao desrespeito por parte de alguém, principalmente do sexo masculino. (LOURENÇO, ARTEMENKO e BRAGAGLIA, 2014, p. 4). Essas diferenças de pensamentos e comportamento são explicadas pela construção histórico-social de ambos que mostra a realidade de uma sociedade demarcada pelo machismo combinada a uma incapacidade de considerar o outro como ser humano, permitindo que relações sociais sejam construídas em situações de subordinação e opressão.

Conforme Freitas (2001, p. 15) a problemática do assédio sexual, moral ou psicológico, uma das grandes aflições que atingem mulheres, é um fenômeno social presente na cultura ocidental há décadas. O assédio remete imediatamente a um conteúdo sexual e, embora possa ser confundido como uma espécie de sedução consentida, este tem por finalidade intimidar, coagir ou ameaçar a dignidade do outro. (FREITAS, 2001, p. 9). Existem inúmeros tipos de assédio: (i) insinuações sexuais; (ii) atenção sexual não desejada; (iii) olhares insinuantes; (iv) contacto físico e agressão sexual; (v) intimidação; (vi) chantagem; em qualquer um desses o agressor pode se sentir em uma situação totalmente normalizante enquanto rebaixa ou humilha o outro, sem sentir culpa. (TORRES, 2016, p. 19). Em via de regra, os sujeitos que praticam tal comportamento agressor são, em sua maioria, homens (SAFFITOTI, 2001, p. 117) e, predominantemente, as vítimas afetadas são mulheres. Porém, devido a uma construção cultural, estas mulheres muitas vezes acabam sendo consideradas culpadas de tal atrocidade. (SAFFITOTI, 2001, p. 127). O corpo da mulher na rua, na praça ou parque, é visto como algo público, como se o único propósito fosse para satisfação dos homens. (LAPA, 2013, p. 1). Resumindo a mulher a um objeto passivo de desejo. (BENEDICTO, 2017, p. 9).

A confirmação de constrangimento visualizadas nos resultados obtidos, só enfatiza a desconfortável situação na qual a vítima (mulher) é colocada. A situação não se mostra como apenas um convite constrangedor, pois, por mais indelicado que seja, um convite pode ser recusado, mas também explicita a diferença entre convite e intimação. Algo interessante encontrado nos dados foi a porcentagem de 18% dos alunos do sexo masculino com relação a palavra "*Atraente*". De forma implícita é imposto a mulher o papel de atrair o público masculino. (QUERINO e PASCOAL, 2014, p. 7). Enquanto que no sexo feminino essa palavra sequer é mencionada, enfatizando novamente que paquera e assédio são duas coisas distintas. Na primeira, temos o consentimento e interação de ambos. Na segunda, o homem não encontra problema algum em importunar uma mulher que está andando pela rua, indo para o trabalho, faculdade e etc. Conseqüentemente esse local público acabará se tornando um lugar onde a mulher não encontra nenhum tipo de conforto ou segurança. Na terceira imagem estava representada a opressão e discriminação cultural universal exercida sobre a mulher. Esta foi retirada de campanha lançada pela ONU em 2013, apresenta de forma extremamente impactante como o machismo ainda é forte na atualidade. Mostra um conjunto de mulheres, de culturas distintas, com a boca tapada por tarjas e as frases mais encontradas quando é feita uma pesquisa sobre as mulheres. Frases geralmente relacionadas com um suposto comportamento esperado por ela.

Gráfico 3 – Porcentagem e número de palavras encontradas na IMAGEM III, de acordo com as respostas obtidas pelos alunos, com distinção nos sexos (Masculino e Feminino/ Meninos e Meninas).



Fonte: Elaboração dos autores.

Uma particularidade que foi detectada nesses resultados e representada no Gráfico 3 identifica a discrepância existente quando aparece a palavra “opressão” aparecendo 42% no sexo feminino e 18% no sexo masculino. Enquanto uma porcentagem elevada de meninas conceitua a imagem representativa como uma forma de opressão a mulher, outra porcentagem, muito baixa, reputado pelos meninos acredita que não. Para eles a imagem representa apenas algum tipo de sofrimento vivenciado pelo sexo feminino. É evidente que a situação exemplificada está sendo afirmada com influência naquilo que esses alunos entendem por opressão e violência. Além disso a categoria *outros* mostra que a imagem pode também não fazer tanto sentido para os meninos, eles enfatizam isso quando mencionam as palavras: “*estranho*”, “*diferente*”, “*sem comentários*”, “*discriminação*”.

Ambas as palavras se correlacionam, porém, seus sentidos podem se diversificar em alguns extremos. Enquanto violência pode ser comparada a tudo que possa se tornar um incômodo, que desfaz um estado de tranquilidade (HAILER, 2015, p. 1), a opressão por sua vez mostra vantagens sobre um grupo social com base em diferenças raciais, sexuais, nacionais, gêneros, etc. Neste caso caracteriza a submissão social das mulheres. (CRUZ, 2002, p. 1). Entretanto não muda o fato de que a imagem, produzida por uma importante organização humanitária com um fim comunicacional específico, tem uma eficiência maior de suscitar o conceito de machismo e os preconceitos encontrados de forma implícita em nossa sociedade. (LOURENÇO, ARTEMENKO e BRAGAGLIA, 2014, p. 5).

A história da humanidade traz, desde o início de sua constituição, o traço da violência, da opressão e submissão que envolve as relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres/mulheres e homens/homens. Dando ênfase a violência exercida sobre a mulher que, apesar de com o tempo ter conseguido consolidar sua luta, continua sofrendo grande repressão. (MELO et al. 2016, p. 2). Como fruto da sua luta constante por igualdade, as mulheres alcançaram visibilidade social, que se traduziu em importantes políticas públicas. Mesmo assim, essa parece ser uma disputa que está longe de acabar, isso porque esses hábitos e costumes estão enraizados e distorcidos. (MELO et al. 2016, p. 11).

De acordo com Santos e Oliveira (2010, p. 12), historicamente, durante muito tempo, foi atribuída ao homem a apropriação do poder político, do poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual e profissional. Enquanto que a mulher é submetida a uma opressão implícita e relações de dominação (LIMA, 2013, p. 18) e subordinação, e de violação dos seus direitos. (LANG, 2001, p. 461). Não obstante as conquistas do movimento feminista e empoderamento feminino, mulheres continuam a receber salários mais baixos que os dos homens em quase todas as ocupações, são maioria nos setores econômicos informais e mais vulneráveis (BERTOLI, ANDRADE E MACHADO, 2017, p. 81). Além disso, muitas das conquistas destas mulheres acabam sendo omitidas, escondendo as vitórias históricas e dando uma falsa ilusão de que não há mais necessidade de luta. (SOUSA e ASTIGARRAGA, 2014, p. 2).

A opressão envolve uma estrutura de dominação sobre o indivíduo e seus direitos. Atua materializada na forma patriarcal da família, nos valores dominantes na cultura, no senso comum e na ideologia e nas relações de poder. A opressão é fruto de uma relação social estabelecida em todo tecido social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres humanos fazem sua própria história, mas não a fazem como desejam e sim inseridos em uma circunstância que limita e condiciona esta ação. De forma geral, as análises desenvolvidas neste artigo, dentro da perspectiva de vulnerabilidade da mulher, permitiu evidenciar a preocupação social no contexto escolar desses adolescentes que estão em construção social e individual. A discussão sobre machismo é de grande importância em nossa sociedade, já que estamos vivendo em um processo contínuo na busca pela igualdade de gênero e respeito social.; levanta uma reflexão acerca da problemática da luta das mulheres pela sua emancipação e a estrutura socio-histórica imposta sobre todos. Refletir sobre esse tema abre uma estimulante oportunidade para definir uma nova racionalidade e um espaço onde se articula uma sociedade justa.

O que podemos observar ao longo desse estudo foi a alienação desses alunos com relação a vulnerabilidade da mulher; os papéis e comportamentos machistas impregnados nas falas, condutas e práticas sociais, muitos destes dialogados e observados em sala de aula. O machismo é individual e cultural, uma conduta que se origina muitas vezes no seio familiar, na própria mãe, desde cedo separando as coisas que são para homens e para mulheres, determinando assim um comportamento que não gera somente a homens machistas, mas, também, mulheres machistas. Em diversas culturas do mundo as mulheres vivem em condições de desigualdade que adquirem diferentes manifestações

e magnitudes. Desde crianças, meninos e meninas são conduzidas por uma construção cultural, que é aprendida em várias instituições sociais, como a família, a escola e a grande mídia.

O machismo precisa ser discutido no contexto escolar, onde esses alunos passam a maior parte de sua adolescência, pois acreditamos que o respeito ao outro, como ser humano e ao corpo alheio é essencial para uma boa convivência entre todos e todas. Os resultados encontrados enfatizam a vulnerabilidade reforçada pela falta de informação e propõem a necessidade de problematização para conscientizar pessoas que estão sofrendo as consequências dessa receita cultural implantada. É necessária uma desconstrução sobre aquilo já construído. Levando em consideração os mecanismos que influenciam essas manifestações, normas e definições pré-projetadas na sociedade. Desta forma acreditamos que projetos como estes tem fundamental importância na desconstrução e construção social cultural.

REFERÊNCIAS

BENEDICTO, E.A.F. A mulher e o direito a cidade: Assédio sexual x cantadas. *Anais... XXIX Simpósio de História Natural*. Universidade Federal da Grande Dourados. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1491153147_ARQUIVO_ednabenedicto.pdf. Acesso em: 01 dez. 2018.

BERTOLI, P.T.M.; ANDRADE, D.A.; MACHADO, M.S. *Mulher, sociedade e vulnerabilidade*. Erechim: Deviant, 2017.

BOCK, A.M.B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, vol.11, n. 1 jan./jun. 2007 • 63-76 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07>. Acesso em: 03. Dez. 2018.

BONFIM, C. R.S. Apontamentos sobre os preconceitos de gênero e a violência contra a mulher no Brasil. *Revista espaço acadêmico*, vol16, n. 183, p. 27-29, 2016. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/32953/17064>. Acesso em: 16. nov. 2016.

CASIQUE, L. C. & FUREGATO, A. R. F. Violência contra mulheres: reflexões teóricas. *Rev. Latino-am Enfermagem*, v 14, n.6, 2006 novembro-dezembro. Disponível: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n6/pt_v14n6a18.pdf. Acesso em: 16. nov. 2016.

CORRÊA, C.S. Violência urbana e vulnerabilidades: o discurso dos jovens e as notícias de jornais. *Psicol. clin.* vol.22, n.2, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v22n2/36.pdf>. Acesso em 20 out. 2018.

CORTES, J. et al. A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional. *Anais...XVII Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL*. Universidade de Cruz alta. Disponível em: <http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20-%20ARTIGOS/A%20EDUCACAO%20MACHISTA%20E%20SEU%20REFLEXO%20COMO%20FORMA%20DE%20VIOLENCIA%20INSTITUCIONAL.PDF>. Acesso: 16. nov. 2016.

MELO, B.; et al. *O papel da mulher na sociedade moderna*. Machismo x Feminismo. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/o-papel-da-mulher-na-sociedade-moderna-machismo-x-feminismo-costa> Acesso em: 22. Jun. 2018.

CRUZ, D. *Contra a opressão e a exploração da mulher trabalhadora*. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/contra-a-opressao-e-a-exploracao-da-mulher-trabalhadora/#origem>. Acesso em: 7 de mai. 2018.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectiva*, São Paulo, 3: 81 -85 1980. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377>. Acesso em: 16. Nov. 2016.

FREITAS, M. E. Assédio moral e Assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, v. 41 n. 2, abr./jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v41n2/v41n2a02.pdf>. Acesso em: 18. nov. 2016.

GREENATION. *ONU faz campanha impactante sobre o machismo na atualidade*. Disponível em: <http://greenation.com.br/noticia/onu-faz-campanha-impactante-sobre-o-machismo-na-atualidade/3356>. Acesso: 20. Nov. 2016.

HAILER, M. A violência do opressor e a reação do oprimido. *Revista Fórum, Santo –SP*, fev, 2015. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/violencia-opressor-e-reacao-oprimido/>. Acesso em: 22. jun.. 2018.

IDOETA, P.A. Mulher brasileira é vítima do seu próprio machismo, diz historiadora. *Revista BBC – São Paulo*. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/131003_mulheres_priore_pai. Acesso em 03. dez. 2018.

LANG, D. W. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* vol.9, n.2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em: 20. nov. 2016.

LAPA, N. Carta Capital – *Feminismo pra quê?: Cantadas de ruas: apenas parem*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/cantada-de-rua-apenas-parem-7511.html>. Acesso em: 22. jun. 2018.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, C. M. A. *A opressão contra a mulher e a educação: uma análise classista do discurso do capital*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação, da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará 2013. Disponível em: http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/dissertacao_cristiane_abreu_lima.pdf. Acesso em: 20. nov. 2016.

LOURENÇO, S.C.S.; ARTEMENKO, N.P.; BRAGAGLIA, A.P. A “objetificação” feminina na publicidade: uma discussão sob a ótica dos estereótipos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *Anais... XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha – ES*. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2014. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1169-2.pdf>. Acesso em 20out. 2018.

OLIVEIRA, M. & MAIO, E. R. Você tentou fechar as pernas? – A cultura machista impregnada nas práticas sociais”. *Revista Polêmica*, v. 16, n.3, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/25199/18031>> Acesso em: 17. nov. 2016.

QUERINO, G.A & PASCOAL, L.S. A presença e a erotização do corpo feminino nas propagandas de cerveja no Brasil. *Anais... Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI 24 e 25 de novembro de 2014, Londrina, PR*. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/encoi/anais/TRABALHOS/GT2/A%20PRESENCA%20E%20A%20EROTIZACAO%20DO%20CORPO%20FEMININO.pdf>. Acesso em 20 jul. 2018.

SANT’ ANNA, A. et al. Homicídios entre adolescentes no Sul do Brasil: situações de vulnerabilidade segundo seus familiares. *Cad.Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(1):120-129, jan-fev, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n1/14.pdf>. Acesso em 20 jul. 2018.

SAFFIOTI, H.I.B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cad. Pagu*, n.16, Campinas 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em: 01. Dez. 2018.

SANTOS, S. M. M. & OLIVEIRA, S. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Rev. Katál.* Florianópolis v. 13 n. 1 p. 11-19 jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>. Acesso em: 16. Nov. 2016.

SILVA, C. A. *A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero*. *Revista Direito em Foco*, 5ª ed. mar/2012. Disponível em: http://www.unifia.edu.br/projetorevista/artigos/direito/20121/desigualdade_imposta.pdf. Acesso em: 16. nov. 2016.

SOUSA, M. I. O & ASTIGARRAGA, A.A. *As concepções sobre o feminismo entre adolescentes do Bairro do Sumaré– Sobral –CE*. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_11_2014_17_10_51_idinscrito_3717_1cf73272aa006fe4a87a1337e492f986.pdf. Acesso em: 18. nov. 2016.

TAQUETTE, S.R. & VILHENA, M. M. Adolescência, gênero e saúde. *Revista Adolesc. e Saúde*, 2006; 3(2): 6-9. Disponível em: http://adolescenciaesaude.com/audiencia_pdf.asp?aid2=139&nomeArquivo=v3n2a02.pdf. Acesso em: 18. nov. 2016.

TORRES, A. et al. *Assédio sexual e moral no local de trabalho em Portugal*. Centro Interdisciplinar de Estudos de Gênero, CIEG Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, ISCSP, Universidade de Lisboa . Fevereiro 2016. Disponível: http://cite.gov.pt/pt/destaques/complementosDestqs/Assedio_Sexual_Moral.pdf. Acesso em: 17. nov. 2016.

Recebido em: 10.11.2018

Aprovado em 10.12.2018